

Prosa & Verso V
Compaixão

FICHA TÉCNICA

Título

Prosa & Verso V — *Compaixão*

Edição

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
Politécnico de Leiria

Coordenação

Paula Cristina Ferreira
Cristina Nobre

Capa e Projeto Gráfico

João Pinheiro

ISBN

978-989-35410-4-3

Depósito Legal

523909/23

DOI

XXXXXX/XX

Impressão e Acabamento

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda

Tiragem

150 exemplares

—

Novembro 2023

Leiria

Rubi Gamallo, 2023



Prosa & Verso V
Compaixão

ÍNDICE

15 **Breve nota de abertura**

16 **Prefácio**

Textos em Prosa

AUTORES CONVIDADOS

23 Em busca da floresta perdida – Idália Bento (Autora convidada)

30 O instrumento musical – Augusto Carruço (Autor convidado)

Textos em Verso

ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

38 Vida – Marta Marques (1.º Prémio)

40 Quão triste é ser-se poetisa? – Marta Marques (2.º Prémio)

41 “A compaixão é a chave” – Joana Carlos (2.º Prémio)

42 “Palavra mágica” – Joana Carlos (3.º Prémio)

43 Cordinhas de *nylon* – Elena Meteciuc (3.º Prémio)

45 Espelhar o que não se vê – Elena Meteciuc (Menção Honrosa)

ESCALÃO 2 – PESSOAL DOCENTE

50 Compaixão divina – Lídia Simão (1.º Prémio)

51 Sem compaixão – Lídia Simão (2.º Prémio)

52 Sou uma flor – Fausto Caels (3.º Prémio)

ESCALÃO 4 – ALUMNI

54 Divagando – Idália Bento (1.º Prémio)

55 Dentro de um abraço – Mariana Costa (1.º Prémio)

57 Viagem – Mariana Costa (2.º Prémio)

ESCALÃO 4 – ALUMNI

- 60 Agarra a Minha Mão – Filipe Santos (2.º Prémio)
62 Deixa-te Ficar – Filipe Santos (3.º Prémio)
64 A Rainha do Gelo – Natália Pereira (3.º Prémio)
66 Apeteceu-me – Natália Pereira (Menção Honrosa)
- 70 **Posfácio - Carlos Lopes Pires**

“Quando me derem por morta
de lágrimas nem uma pinga:
um trevo de quatro folhas
tenho debaixo da língua.”

Natália Correia

In *O Dilúvio e a Pomba* (1979)

Maria Fradinho, 2023



Breve nota de abertura

Uma vez que na presente edição, a quinta, do concurso – cujo tema nuclear foi o sema ‘COMPAIXÃO’ – não houve textos candidatos na modalidade de Prosa (por motivos vários, a que o ‘ataque informático’ sofrido pela instituição IPLeiria, em maio de 2023, não terá sido, provavelmente, alheio...), a Comissão Organizadora convidou os concorrentes vencedores e publicados na modalidade Prosa dos quatro anos anteriores a colaborar com um texto, de acordo com as mesmas diretrizes formais sugeridas no Regulamento do Concurso de Escrita. A Comissão recebeu dois textos que integram a título excecional a antologia.

Ainda a título excecional – e pela primeira vez até ao momento – se publicará o texto da apresentação do vol. n.º 4 de *Prosa & Verso*, de 2022, da autoria de Carlos Lopes Pires, pela qualidade da reflexão concetual, filosófica, educacional, pedagógica e interrogativa quanto baste, à volta da palavra poesia e ‘do(s) fazer(dores) de poesia’, lido durante a apresentação do referido número da revista em 8 de novembro de 2022. Ao pensador, agradecemos a amabilidade de nos permitir a partilha com o público leitor, através desta singela e bem intencionada edição.

Abraçamos com estima e admiração os que responderam ao nosso convite de última hora e a quem manteve a sua palavra depois de passado um ano cronológico sobre o desafio. Com a nossa gratidão.

Cristina Nobre & Paula Cristina Ferreira

Novembro 2023

Prefácio

O desafio de prefaciar uma obra desta natureza honra-me pelo convite, mas acima de tudo porque impele a uma tarefa estimulante, através de um exercício reflexivo viajando peças que a compõem, com o propósito de apresentar ao leitor, ora acabado de chegar, o meu roteiro de viagem.

Estamos a viver um tempo de manifesta imposição tecnológica e fogaz crescimento de inteligências sílicas, ditas superiores à de natureza emocional e assim humana, e não obstante à sua central importância, em particular no contexto da prestação de cuidados de saúde, urge recentrar o foco na humanização dos cuidados onde o tema da compaixão assume um papel de central relevância.

Nas páginas que se seguem adentramos por um mundo sublime onde os autores mergulham na sua própria jornada interior, explorando a essência da natureza humana, e revelando a beleza encontrada na inter-relação entre os seres. Cada linha é tingida com a tinta do amor altruísta, convidando-nos a contemplar a compaixão como uma força transformadora nas nossas vidas.

A cada jornada representada pelo folhear das páginas seguintes fui confortado com um universo de empatia e solidariedade, onde as palavras se tornam pontes entre corações. A viagem inicia em jeito de prosa com personagens mundanas do fundo do mar, e com o amor pela música sentido de forma compassiva pela comunidade. Adiante, transportados pela anunciada tristeza de ser poeta, ou mesmo pela incerteza da celebração da colheita num mundo sem compaixão, avançamos certos de que é nela que encontramos a chave para abrir o coração. A viagem continua para descobrirmos na compaixão

uma eterna palavra para sempre perdida, mas que, paradoxalmente, se pode encontrar dentro de um abraço (que pode ser em forma de viagem de bicicletas) como se fosse um segredo.

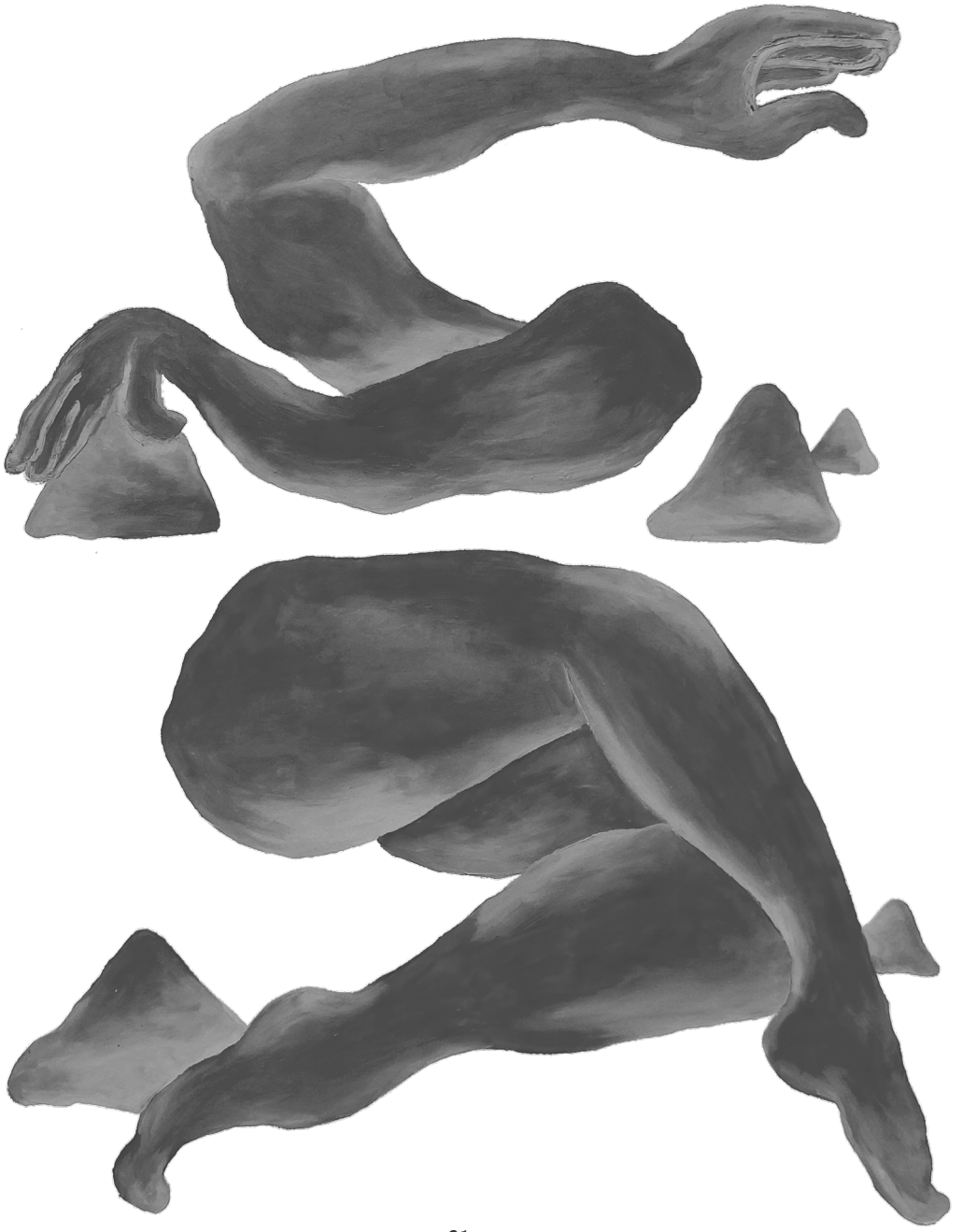
Esta obra é, portanto, um convite para embarcarmos numa jornada de sensibilidade onde a arte de escrever e a compaixão se entrelaçam para nos lembrar da nossa humanidade e da importância de sentir com o outro.

A todos uma boa jornada.

Rui Fonseca-Pinto
*Diretor da Escola Superior de
Saúde - Instituto Politécnico de Leiria*

TEXTOS EM PROSA

Rubi Gamallo, 2023



AUTORES CONVIDADOS

Em busca da floresta perdida

Idália Bento (Autora convidada)

Alumni da ESECS

A história que vos quero contar passou-se há exatamente três milhões de semanas, precisamente a dois de abril do século MMMXLXX (3060). Este mesmo episódio desenrolou se num local bem distante do núcleo urbano e demais imediações metrópoles, mais em concreto, num espaço amplamente sarapintado por uma coloração que se assemelhava ao esbater de um borrão de tinta, em que as suas cores se dispersavam entre os tons verde, azul e amarelo apresentando uma variação que lhe é muito peculiar. O lugar a que me refiro era nas profundezas do Oceano Pacífico, em que a imensidão das suas águas se misturava entre a confidencialidade e o mistério, ante aqueles que porventura ousassem apenas, para o explorar, ou, simplesmente, com a finalidade de contemplar tudo quanto os seus sentidos pudessem imaginar. Bem, continuamente o lugar que vos narro desenrolou-se no mais profundo deste oceano, a chamada floresta de algas marinhas ou bosque colossal épico, em que bioquimicamente é comportado por um dossel que se sobre-ergue até à superfície. Aqui, e, se porventura os deuses, insolentemente, ousassem bafejar de forma impulsiva as suas fúrias, este ternura e amorosamente apaziguava o momento terrivelmente constrangedor que pudesse acontecer nesse momento.

Agora, retornando a este bosque, orgânica e morfológicamente era constituído pela mais farta beleza. Arquitetonicamente não existia qualquer ser humano que o pudesse imaginar, e é aqui que

tudo aconteceu. No âmago de um kelp (designado por Laminariales), eis que marcam presença cinco personagens bastante emotivas: Tristeza, Raiva, Alegria, Esperança e Compaixão, muito refinadas e delicadas reuniam-se em torno de uma superfície vertical. O corpo desta mesma superfície era sustentado por gigantescos troncos que se enrodilhavam entre si mesmos, em que eu diria que mais pareciam finas bolas de algodão.

Neste cenário magnífico cabe-me apresentar cada uma das personagens que fazem parte do pretérito caso. Tristeza tinha um corpo esguio, muito longo e estreito mobilizando-se de forma convulsa, cabelos ondedos dourados como o trigo e olhos espessos como o sabão. Apresentava ser extrovertida, contrastada por uma atitude severamente ansiosa. Muito sonhadora tinha o desejo de espalhar sua alegria ante aqueles que com ela coexistiam, além de ser extremamente criativa era supinamente sincera querendo ser aceite por quem verdadeiramente acreditava ser.

Por sua vez, Raiva ostentava uma feição construída a partir de um traço sinuoso que rodopiava em movimentos, entre o ascendente evolutivo dextrógiro, e o descensional involutivo levógiro que ao pequeníssimo toque germinava numa eclosão e colisão espiralizada em que a sua energia voluteava de modo célere e ágil. De lisos cabelos cor das castanhas de outono e de um olhar esbugalhado resplandecente matizado, que mais pareciam duas enormes e gigantescas bolotas, reunia um duplo temperamento: lealdade e neurastenia. Apesar do extremo apego à cordialidade e o esbater de uma ansiosa aversão relativa à verdadeira esperança, nutria em si, entre o querer tocar, mas não permanecer ficar.

Alegria exibía uma fisionomia organizada por linhas indeterminadas que se cruzavam recíproca e mutuamente. Os seus extensos

cabelos eram escabrosos e encarquilhados com tonalidades azul sabão e os seus olhos laranja espumejantes ecoavam o borbulhar de esferas aneliformes. Apesar de ser dotada de uma criatividade vital, sua natureza secreta escondia uma personalidade acionada por uma relevante dependência em julgar, saber mais do que sabia, prevalecendo por isso, uma inquietante tristeza desonesta, ainda que leal, ela insistia em ocultar. Representante do país dos sonhos, Alegria causava furor ante os ideais de vida que aceitava como certos, o rasgar de novos horizontes, em que procurava o conhecimento com sapiência.

Em contrapartida, Esperança revelou uma semblante a partir de uma sequência racionalmente lógica, a infinitude matemática, baixos cabelos abstratamente incompletos e uma expressão visual circundantemente inteligível. Dona de um temperamento singular, a sinceridade e a apatia era tudo que a tornava completa. Embora a compaixão estivesse representada em seus gestos, ela antipatizava com a desorganização, porque segundo dizia, levava-a ao despertar de um colapso existencial. Opostamente, ainda que tivesse medo em tornar-se demasiado extrovertida, idealizava transbordar como as ondas do mar.

Por último, Compaixão deslocava-se de forma secreta e silenciosa, exibia farta cabeleira que se espargia de modo indefinido. Senhora de um olhar brando e afetuoso era um verdadeiro exemplo de amorosidade desonesta. Sempre que esta se dirigia a todo e qualquer evento social denotava uma plena inquietude ante os factos, e, ou acontecimentos desse momento. Tal como as suas fiéis companheiras, Compaixão tinha receio em transformar-se numa substância toxicômana, pois a levaria a ser quem não desejaria ser de verdade, insociável e indolente. Visionária, zelosa e incessante

perante a sua obrigação primordial na orbe terrestre, silenciar e a todos iluminar, Compaixão acreditava fielmente na sua missão, em que dedicadamente superava todas as vicissitudes crendo que estas eram brilhantes desafios.

Agora, e de volta ao Templo do Concílio onde estavam nossas queridas e amáveis personagens verifiquei que estas discursavam sobre questões de ordem moral, a partir da condição humana. O mais interessante é que eram abordadas indagações de âmbito global: saúde de qualidade, água potável e saneamento, erradicar a fome, proteção da vida terrestre e a ações climáticas, para além de falarem de expressões e vocábulos bastante difíceis. Eu posso afirmar que eram falas vindas do cosmos ou firmamento, talvez a comunicação inter-galáxias, melhor a linguagem *cosmo-galaxy*. Em torno desta discussão, uma personagem benemérita destacava-se em relação a todas as outras, a Compaixão. A sua linguagem sublime ascendia acima da compreensão moral, ante aquelas que estavam presentes. De um olhar minucioso observava atenta e compassivamente o diálogo que se estabelecia naquele momento:

– Quando o mundo implora por amparo diante tanta desarmonia, que dizer da conduta humana? A fome, a guerra, catástrofes causadas pela atitude incoerente dos homens, ou até mesmo as de causa, embora nefastas, são de ordem natural, que sentido? – Questionou a raiva.

– Se existisse uma maior consciência humana, com certeza a postura seria outra. – respondeu Alegria.

As nobres companheiras ouviam escrupulosa e cuidadosamente,

prestando serena atenção, na qual a Esperança alegou:

– Eu não tenho tanta certeza, acerca desse facto, Alegria. O Mundo atravessa novos tempos. A Regeneração cumpre o seu dever, mas o coração das criaturas acha-se entorpecido esquecendo que a imortalidade é uma realidade. Sem que se dêem conta, as moléstias psíquicas e enfermidades assolam a olhos vistos, em que o suicídio e a loucura triunfam imperceptivelmente.

– Tudo tem o seu fundamento, uma explicação lógica e coerente, se olharmos as máximas platônicas a realidade é clara, exemplo disso temos a República de Platão, célebre obra filosófica de todos os tempos. – indagou Tristeza.

Nesse instante fez-se eco, um tilintar de pensamentos imobilizados e inertes, muitas Indagações rompivam escrupulosamente do intelecto como uma verdadeira melodia em consonância. A reunião encerrou, sem que ninguém tivesse chegado a nenhuma conclusão.

O tempo foi passando, em que eu confesso que a impaciência tomava conta do meu pobre ser, em razão da minha curiosidade alheia perante os factos ocorridos. Num ápice dei por mim a questionar acerca destes assuntos tão pertinentes, que apesar de estarem a ser debatidos mesmo ali, não havia quaisquer respostas. Muito me ocorria, mas admito que não chegava a nenhuma conclusão, somente incertezas, objeções e a busca por inúmeras questões que me absorviam a alma.

Uma semana decorreu em que eu aguardava com impaciên-

cia, embora intimamente não acreditasse, nem esperava que fosse acontecer algo, mas, eis que nesse segundo, um arco íris ofuscante tridimensional brilhou de forma intensa. Este projetava-se de modo súbito espalhando centelhas fulminantes que atingiam eminentes proporções. De olhar perplexo e pálpebras semicerradas pelo brilho que ofuscava minha visão, constatei que Compaixão se preparava para desempenhar sua nobre missão na Terra.



Maria Fradinho, 2023

O instrumento musical

Augusto Carruço (Autor convidado)

Aluno ESECS

O Armando foi um adolescente muito atento à música da sua juventude (anos 60). Era um apaixonado pelos instrumentos de cordas e sopro e pelos sons libertados por estes objetos.

A oportunidade que lhe deram de pegar numa guitarra e mais tarde numa flauta foi o mote especial e extravagante que o deixou embevecido para sempre. Sentir nas suas mãos aqueles instrumentos, tão belos, ergonómicos e com a leveza que eles ofereciam, proporcionou-lhe a motivação de, um dia, aprender música e tocar semelhante coisa.

Porém, essa possibilidade surgiu só no entardecer da vida, desejo que durante décadas não foi possível saciar.

Foi sempre um caloroso admirador da música e do espetáculo.

Mas... o fraco rendimento que retirava do trabalho, enquanto jovem adolescente, não dava para ver espetáculos musicais que fossem pagos, no entanto, ele encontrava outros meios de ver e ouvir música, gratuitamente, recorrendo aos espetáculos de rua, como festas e arraiais.

No seu tempo, o disco era o único meio para se dispor da música escolhida, mas não era fácil arranjar dinheiro para comprar o tão famoso vinil, e ainda mais difícil seria a compra do chamado “gira-discos”.

Na década de 60 não havia as tecnologias que hoje são sobejamente conhecidas, nem pairava qualquer hipótese destas recentes tecnologias acontecerem.

Havia uma singularidade muito importante para se ouvir mú-

sica, e não só, estou a referir-me aos rádios, que podiam ser portáteis ou fixos e ainda ao surgimento dos minirrádios transístores.

A TV dava os primeiros passos, mas de uma forma muito incipiente.

A música não se escolhia no rádio como se escolhe hoje nalgumas plataformas, como no You Tube. Era preciso ter paciência, ligar o rádio e esperar que as músicas pudessem surgir, ou escolher a hora de algum programa mais dedicado à música.

Naquele tempo não havia muitas rádios emissoras, bem pelo contrário, a cobertura nacional não seria muito mais do que as então Emissora Nacional, Rádio Renascença e Rádio Clube Português.

O Armando contou ter um minirrádio transístor na idade de jovem. Um rádio pequenino que cabia na palma da mão, era uma “modernice” revolucionária para a época, comparável, em menor escala, ao que é um telemóvel. Mas é surpreendente, porque esses rádios eram, em termos de dimensões, talvez cerca de metade do que é hoje um telemóvel, podiam ser um pouco mais grossos, mas facilmente se transportava no bolso, podendo ouvir-se em qualquer lugar.

A alimentação elétrica era exclusivamente a pilhas, bom para quem ainda não dispunha de eletricidade, sendo que a distribuição elétrica ainda não tinha chegado a todo o país. Podia ouvir-se em som aberto ou através de um auricular (uma coisa nova para a época). Estes transístores foram uma espetacular inovação para os anos 60.

Conta o Armando que, um dia, ia na rua ouvindo música através do seu minirrádio, quando é surpreendido por um agente à paisana das Atividades Económicas da época. O polícia, com

arrogância e sem compaixão, exigiu que lhe mostrasse a licença para uso do rádio transístor. Como ele não tinha, nem sabia que era obrigatório, foi-lhe dito que ao infringir a lei podia ser preso. O Armando ficou cheio de medo e até pediu desculpa ao polícia.

Após o processo de identificação, veio a intimidação. O polícia disse-lhe que tinha duas opções: “ficas sem o rádio ou, em alternativa, podes ficar com o rádio, mas pagas a multa e no dia seguinte apresentas o recibo da taxa paga para o próximo ano”. O Armando, no silêncio do seu ego, optou pela última alternativa (para não perder o rádio).

O polícia ainda informou de que na falha do compromisso, iriam buscá-lo a casa.

A multa era muito pesada e retirava-lhe parte do baixo ordenado que tinha.

Ele era um devoto da música, mas naquele dia ficou traumatizado com a situação e revoltado com tudo, com a música, com o rádio, com a polícia, etc.

Durante a vida de jovem, trauteava as músicas que lhe ficavam no ouvido. Ele cantava, assobiava e quando não sabia o idioma cantado, tentava emitir com sons guturais e nuances rítmicas que identificavam a melodia.

Era gratificante e divertia-se, mas não era suficiente para a sua ambição.

Ao entrar na idade adulta, ele inventava instrumentos musicais rudimentares, inclusive com utensílios domésticos, mas faltava-lhe tempo e oportunidade para realizar a sua antiga paixão.

Porém, nunca abandonou o seu ideal.

O Armando afirmava, com frequência, que lhe parecia não haver um período tão fértil em música e em qualidade como na

época da sua juventude.

Quando atingiu a idade superior (entenda-se, a idade da reforma), ficou com disponibilidade e acesso a alguns instrumentos, foi tentado a tocar guitarra, mas os dedos baralhavam-se; flauta, também os dedos não ajudavam (dizia ele: “Os dedos eram muito grossos e pouco ligeiros”).

Mais tarde, tentou Harmónica, popularmente conhecida por “gaita de beiços”.

Foi esta aposta que realizou o Armando.

Para qualquer lugar que fosse levava a gaita de beiços no bolso.

Assim, nos lugares mais discretos ou inóspitos, era a sua companhia, puxava da gaita e tocava baixinho só para ele ouvir. Esta era a forma de se divertir e ao mesmo tempo de ensaiar, podendo aperfeiçoar-se cada vez mais.

Quando a população vizinha descobriu o talento e a personificação que tinha com a harmónica, o Sr. Armando passou a ser visto pelos amigos como um “artista” e exímio executante daquele instrumento.

Foi convidado por diversas vezes para atuar no Clube Recreativo e também no Centro Paroquial, ambos da sua Terra Natal, para divertir dezenas de pessoas que surgiam nesses locais para ver e ouvir o Sr. Armando.

Tornou-se numa onda viral. Quando ele ia ao clube, por iniciativa própria, logo apareciam os conterrâneos e os vizinhos dos arredores, pedindo-lhe que tocasse uma música bonita das muitas que sabia. “Nós gostamos tanto de o ouvir..., toque outra..., e mais outra...”.

Ele era muito simpático e tentava corresponder às expectativas das pessoas.

Na data do seu aniversário, convidou a família e muitos amigos para festejar com a sua gaita de beijos.

Em plena festa, todos puxavam por ele com muita alegria, batiam palmas, cantarolavam e acompanhavam-no ao instrumento.

O Sr. Armando sentia-se realizado, feliz e eufórico pelo apoio que recebia do seu público, divertindo-se e fazendo divertir, com a gaita de beijos na mão, o instrumento que tanto adorava.

“Hoje é o dia mais feliz da minha vida” dizia ele.

Era o mais velho da sala, mas era ele que fazia vibrar os amigos. A meio da festa, o Sr. Armando emocionou-se fortemente, sentiu-se mal e não aguentou o impacto.

Ouvia-se o público: “Ó meu Deus, tem compaixão... Ó meu Deus, tem compaixão...”

O Sr. Armando nunca largou a harmónica, sempre com o instrumento bem guardado junto ao peito até chegarem os primeiros socorros. Foi aquele pequeno e simples instrumento que lhe deu as maiores felicidades e alegrias no outono da vida, e que o ajudou a partilhar os bons momentos de animação com a família, amigos e vizinhos da aldeia.

De imediato chegou a assistência médica. O Sr. Armando foi levado para o hospital.

“Estamos contigo Armando.... Estamos contigo Armando...” dizia o seu público.

Rubi Gamallo, 2023



TEXTOS EM VERSO

ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

Vida

Marta Marques (1.º Prémio)

Estudante da ESECS

Vida,
Tens compaixão de mim,
Ou sou só mais uma
Que te olha,
Esperando por um fim?
Não és fácil...
Tens um feitio terrível,
Fazendo sofrer quem não merece,
Fazendo sofrer quem mais precisa,
Enxovalhando fracos e pobres,
Qual golpe que não cicatriza.
Não te julgo.
Afinal tu,
Vida, também vives
E vês muito.
Tenho pena de ti,
Pois são muitos os que passam
E não há ninguém que pare
E te sorria,
Que te faça acreditar
Que um dia Tudo valerá a pena.
Vida... Tem compaixão de mim e de ti,
Pois somos só duas coitadas,

Sempre de mãos dadas,
Amparando nossos corpos
Contra um mundo que construí.

Quão triste é ser-se poetisa?

Marta Marques (2.º Prémio)

Estudante da ESECS

Sou poetisa.
Isso quer dizer que escrevo a dor
Que tenho no meu coração
E que não consigo explicar por palavras.
Não nasci poetisa,
Mas rapidamente me tornei numa.
Fui obrigada a sê-lo. Afinal,
Como seria capaz de suportar tamanha dor
Que carrego ao peito?
Fui feita assim,
Obrigada a sofrer o meu e o dos outros,
Nestes e noutros mundos
Que vou visitando em sonhos.
Ah... Que enfadonhos...
Quão triste é ser-se poetisa
Num mundo que não tem compaixão
Por uma mente incessante,
Corredora, penetrante?
Tenham pena dos poetas,
Aqueles que vivem duas ou mais vidas,
Mil promessas cumpridas,
Cansados, moribundos,
Esperando uma mão amiga,
Contando os segundos.

“A compaixão é a chave”

Joana Carlos (2.º Prémio)

Estudante da ESECS

Observo ao meu redor,
Tudo parece invertido,
Uma sensação de rigor
Em contrariar o sentido.

Vejo ódio e traição,
Censura sem piedade,
Olhares desleais em ação,
Sentimentos de banalidade.

Falta amor e humor,
Sobra rancor e desdém.
Perdemos o valor
De aceitar o bem.

A compaixão é a chave
Para abrir o coração
E encontrar a liberdade
De amar sem restrição.

“Palavra mágica”

Joana Carlos (3.º Prémio)

Estudante da ESECS

Encontrei uma palavra mágica
Num dia de chuva intensa,
Perdida num arco-íris,
Escondida na névoa densa.

Sem forma definida,
Mas repleta de cor.
Alegrou a minha vida,
Encheu-me de amor.

Senti amor e harmonia,
Acalmou-me o coração.
Ela transforma escuridão
Em luz e sabedoria.

Começa com “c”
E tem um som especial.
É a compaixão, que a meu ver,
Torna o mundo mais igual.

Cordinhas de *nylon*

Elena Meteciuc (3.º Prémio)

Estudante da ESECS

Saio com o meu ukulele
para aquela rua,
onde ninguém sente.
E o coração mente.

Cada dedo provoca um som
Em cada corda soa um novo tom

Pessoas observam pela janela
Amam como Cinderela

Senti não ser suficiente
Estavam tristes e eu descontente

O ukulele ganhou forma
de orquestra em Roma
E tocou não só música,
como no coração das pessoas

Alguns abriram as janelas
Outros saíram à rua
E o sol amarelo
Brilhava como lua

Escutaram a música.
Sentiram a paixão.
Batiam as palmas,
ao som da minha mão

E foi festa até entardecer.
Dar a mão a quem amavam.
Sentir a brisa desaparecer
e o amor a florescer

(Ah... compaixão!
Ela vestiu-se de discreto
E participou nesta canção
Em cada coração)

Espelhar o que não se vê

Elena Meteciuc (Menção Honrosa)

Estudante da ESECS

Por um momento
esquece as diferenças.
Somos diferentes
Temos as nossas desavenças

Perdoa quem não o faz
Leva amor a quem não o traz
Vive o momento presente
Sê esse, sê capaz

Confia no que tiveres de confiar
Sorri para quem consegue conquistar
Chora, se precisares de chorar
E vive o que se está a passar

Não deixes ninguém
fazer com que deixes de sonhar

Não és menos nem mais
Não és diamante nem cristais
Não és sol nem lua
Nem o frio da rua

Mas acredita em ti
E sempre que vires um espelho
Sorri
Pois ele espelha o que de melhor há nos outros

Sorri por quem passares
Eles espelham o que de melhor há em ti

- *COMPARAÇÃO* -



ESCALÃO 2 – DOCENTES

Compaixão Divina

Lídia Simão (1.º Prémio)

Docente da ESTG

Há momentos de um negro vazio doloroso,
Quando o inferno corre na mente e não pára,
E os erros assombram a alma já desolada,
Mostrando ruínas pintadas de desilusões,
Ao sentarmo-nos mergulhados na pia da dor,
Olhando as ruas de ilusões percorridas,
Suplicando aos anjos um abraço caloroso,
Que pinte arco iris nas feridas sentidas!

E suas asas surgem em silêncio rendilhado,
Limpendo as lágrimas que a tristeza semeou,
Aquecendo a alma em tons de poesia solta,
Como se o sol nunca tivesse partido dali,
E a compaixão divina traz paz ao sono inquieto,
Convicta de que os demónios se irão ausentar,
E numa lógica alheia ao mero mortal desperto,
Voamos, quais ondas livres em alto mar!

Sem compaixão

Lídia Simão (2.º Prémio)

Docente da ESTG

Este inferno que vou matando e que ainda arde,
Quando teu olhar ausente nasce em mim sem pedir,
Desperta a saudade indesejada, eternamente imperfeita,
E o tempo enrola-se em ondas de gaivotas paradas,
E sem esmorecer, permanece sem ousar partir!

Pergunto-me porque ainda me importo contigo,
Se pedaços de mim arrancas e no chão os espalhas,
E eu quero ser leve e agasalhar minha alma tão solitária,
E sem teus braços nos cantos onde minha alma chora,
Sou ser sem chão, sou restos, sou meras migalhas!

Talvez teu silêncio seja só palavras difíceis de proferir,
E eu desço à praça da poesia em versos sem rima perfeita,
Rendida à confusão das sílabas cortadas no tecido da redação,
Para em silêncio te chorar, já sem raios de compaixão fácil,
Vendo que nem sempre quem semeia, celebra a colheita!

Sou uma flor

Fausto Caels (3.º Prémio)

Docente da ESECS

sou uma flor
um ciclista ao vento
um lanche acabado de servir

quem pode segurar
o que não tem forma?

uma altura para tudo
inclui uma altura
para esquecer

nomes trocados
por pequenos flocos
de nada

e depois o resto

mas deixaste-me ajudar-te
e deixaste-me
dizer adeus

os anjos surpreendem-se
também, às vezes

compaixão é um gato
sentado ao teu colo

Rubi Gamallo, 2023



ESCALÃO 4 – ALUMNI

Divagando

Idália Bento (1.º Prémio)

Alumni da ESECS

Compaixão,
Quão foste esquecida
No coração dos homens.
Serás eterna palavra, para sempre perdida?

Compaixão,
Para onde dirigem tua atenção?
Andarás simplesmente ao sabor do vento?
Caminharás entre a razão, ou a emoção?

Compaixão,
Sim, tu és a compaixão.
Deambulas por entre os homens
Sem a verdadeira compreensão.

Compaixão,
Se o poder de mudarmos o mundo fosse real
No íntimo de cada ser
Tua missão seria fielmente leal.

Dentro de um abraço

Mariana Costa (1.º Prémio)

Alumni da ESSLei

Alguém partiu.

Observo-te a chamar a morte, que se anuncia e instala.
Proferes o nome de uma dor que te trespassa
com a força de tempestades sem luz, instantes ou céu.
Choras com as lembranças ásperas de um tempo
em que foste sonhadora alma e,
na alvorada da prosa que se solta da garganta revoltada,
ouço ecos dessa presença, que pereceu.

Ouço-te:

*As sementes não brotam mais, como faço para florescer? -
perguntas, abruptamente.*

Elevo a alma e abraço-te como se um segredo te contasse.

Abraço-te, demoradamente.

O silêncio molda as lágrimas que vertem pelo teu corpo oprimi-
do.

São agora vastos rios que fluem, também, por mim.

Ainda pesam? Ainda te pesa?

Não tenhas pressa.

Ofereço-te o meu olhar e as mãos com que te apoio o peito des-
nudo,

aberto a ti, a mim e ao mundo.

O teu corpo, feito de pedra, sangue e sal, escolheu não se levantar.

Ssbhh...

Inspira devagar. Deixa que se afunde em mim.

Pedes-me para rasgar o fôlego e os olhos com que escreveste palavras mudas.

Docemente, sopro-te tempo, toco-te com vida, com confiança, gentileza,

Compaixão.

No colo desse enlace, tu
desvelas lugares e sonhos antigos,
desejos e destinos, outrora tremidos.

Abres as janelas da tua presença e respiras esperança. Leveza. Inspiração.

Aclaras a noite.

Regressa a paz.

Alguém partiu
e alguém regressou.

Foste tu? Onde estás?

Como se perpetua este incêndio? - perguntas agora, com alma no olhar e certeza no coração.

Sorriso contigo.

Encontraste-te.

As respostas não são mais precisas.

Fica a saudade, a paixão e, em cada dia, infinitos amanheceres.

Regressaste.

Regressaste com a certeza de que
dos encontros surge a poesia
e que, dentro de ti,

cabe tudo o que quiseres.

Viagem

Mariana Costa (2.º Prémio)

Alumni da ESSLei

A vida segue, de bicicleta, alternando rotações,
velocidades e pulsações.

Abraçada a ti, percorro a estrada dos dias,
sentindo os cabelos, as rugas, os pesos
e as despedidas.

Ouçó a melodia das duas rodas que nos suportam,
sinto-as a acelerar.

Estamos os dois apertados, corpos e sonhos colados,
e na liberdade da poesia, estou a tentar equilibrar
a vida.

Sim, eu sei que a vida não se equilibra
e tu não me deixarias parar de sonhar.

Na viagem, mantemos o abraço
que não sei quando começou.

Contigo, sou presente que o gume do passado não marcou.
Perscrutando o caminho, escutas as minhas mágoas e as lágrimas
de chuva.

Dissolves, com ternura e compaixão, as dores que me rasgaram o
coração
e a fragilidade.

Contigo, respiro o vento que me embala o rosto,
marcado de instantes, esperança
e vulnerabilidade.

Sou casa de uma pressa que se afugenta quando estás cá dentro.

Enche-se de gargalhadas o lugar que ocupava o silêncio.
Plantas árvores altas no interior das minhas feridas
e tocas, com paciência, as margens do rio que sou,
mar em ti, porto de promessas cumpridas.

De olhos abertos, beijas-me as cicatrizes.

Estremeço.

Temos tempo, dizes.

Tempo e raízes.

Anoitece devagar, mas somente lá fora.

Por dentro, continuamos a pedalar.

A viagem traz-nos o sol sentido e as palavras escritas por braços
unidos.

Abraços felizes.

Desces ao meu peito, de onde nunca saíste.

Com delicadeza, desarrumas-me o pensamento.

Serenas-me o coração acordado, quando te sinto o olhar.

Paramos.

[Chegámos a casa
e eu adormeço.]

Nos teus braços, adormeço a dançar, com a certeza
de que as bicicletas também têm
asas.

Rubi Gamallo, 2023



Agarra a Minha Mão

Filipe Santos (2.º Prémio)

Alumni da ESAD.CR

Agarraste a minha mão
Na neblina dos meus sentidos
Num traço de compaixão
Fui eterno
Em ti
Em mim

Ofegante, sufocante procurei ar
Encho os pulmões numa tentativa vã de respirar

Conto até cinco
Cinco palpitações apressadas no meu peito
Conto até dez
Dez segundos até fechar os olhos no derradeiro leito

Agarraste a minha mão
Florescida numa promessa eterna
De ser infinito
Em ti
Em mim

Não me deixes agora
Fica mais um pouco
Agarra essa cadeira e senta-te mais um pouco,
Bebe algo mais

Conto até quinze
Quinze vezes que pensei que ia morrer
Conto até vinte
Vinte rosas que te prometi dar

Agarraste a minha mão
Prometeste dar-me o teu coração e compaixão
Tudo de ti
Que ainda pertence a mim

Fica
Agarra a minha mãe
E dá-me um pouco mais
Um pouco de tudo em
Que é infinito em mim

Deixa-te Ficar

Filipe Santos (3.º Prémio)

Alumni da ESAD.CR

Deixa-te ficar

Deixa-te estar

Deixa-me expulsar a dor que tens em ti

Colecionar cada lágrima que um dia perdi

Vou te dar o mundo e todos os universos

As estrelas e os meus versos

Para ensopares o sangue da tua dor

Para sentires o meu calor

Deixa-te ficar

Deixa-te estar

Deixa-me recolher-te nos meus braços

Colecionar os teus sonhos e fados

Vou te dar amor e compaixão

Os oceanos e a tua ascensão

Para ganhares asas e voares

Voa

Voa para longe, longe desses olhares

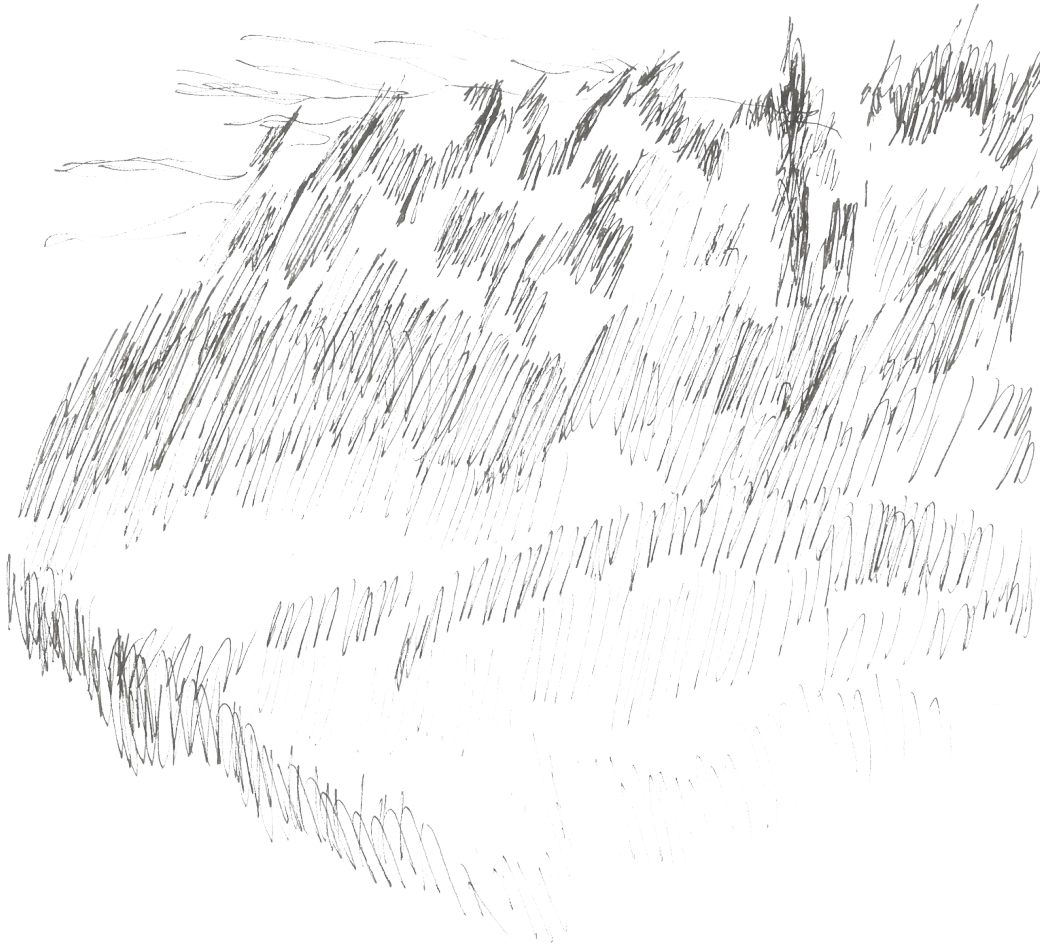
Deixa-me ficar

Deixa-me estar

Deixa-me ver-te ser feliz

Deixa-te voar

Maria Fradinho, 2023



A Rainha do Gelo

Natália Pereira (3.º Prémio)

Alumni da ESECS

A Rainha do Gelo quebrou
O seu mundo ruiu
O vidro estilhaçou
Em pedaços se partiu!

Fez do ringue o seu castelo
Uma infância a deslizar
Levou anos a aperfeiçoar!
Talento puro e belo
Majestosa a patinar
Para o mundo deslumbrar!

Mas então veio a guerra
E com ela a crueldade
Que não se compadece
De uma criança sem idade!
Culpada sem querer
Do seu berço e nacionalidade
Obrigada a esconder
A sua magia e felicidade!

Para a menina será o fim
As luzes já não irão focar
Quem nasceu para brilhar!
Ninguém teve pena de ti!

Chora, princesa, chora
O mundo foi embora!

A Rainha do Gelo quebrou
O sonho não se cumpriu
E a caixinha de música
Fechou-se e nunca mais abriu!

Apeteceu-me

Natália Pereira (Menção Honrosa)

Alumni da ESECS

Apeteceu-me gritar
Com aquela que ali vejo
De olhar triste e sombrio
Distante e tão frio
Longe de qualquer desejo!

Apeteceu-me apagar
Os sinais agrestes do tempo
As rugas tão vincadas
As mãos já deformadas
Deixá-las ir com o vento!

Apeteceu-me contrariar
Os tremores, os rubores,
As manchas avermelhadas
As peles ásperas e inchadas
Igual a “Casa de horrores”!

Apeteceu-me transformar
Aquele ser tão desfigurado
A flacidez que inclemente apareceu
A gravidade que não se compadeceu
Desse corpo feio e mal tratado!

Espelho, espelho meu,
Porque não tens compaixão de mim?
Porque me atormentas assim?
Eu queria ver o fulgor
E nunca o princípio do fim!

Maria Fradinho, 2023



“disseram-me que a expressão fábrica de fazer longes não está correcta. que longe não tem plural. pode ser. mas no sítio de onde venho, e para onde vou, tudo é plural e singular. cada coisa é essa coisa e o seu múltiplo. afinal, longe é também múltiplo de longe no singular de longes. se alguém conseguir imaginar infinito, a seguir só tem de imaginar infinitos. é o mesmo com longe há também a fábrica do tudo, mas hoje não vou falar dela”

A fábrica de fazer longes - Carlos Lopes Pires

In *a fábrica do longe*, (2024)

Pós-fácio

O que é um poeta? A resposta parece ser fácil: aquele que escreve poemas. Mas afinemos um pouco mais a pergunta: aquele que escreve um poema é poeta? Ou: basta um livro e este é suficiente para que se chame de poeta ao seu autor? Também se poderá afirmar que poeta é todo aquele que a gente da literatura (os literatos) assim considera. Mas, e permitam-me a desconfiança: por que motivo a gente da literatura é que sabe o que é um poeta, se andam sempre a correr atrás dos factos consumados?

Por agora afirmo que ser poeta é mais que escrever alguns poemas, e até me parece que muita gente escreve versos sem que alguma vez tenha sido ou venha a ser poeta.

E o que é um poema? Frases pequenamente dispostas, com ou sem rima, abundantes em imagens, hipérboles, metáforas? Talvez. Mas isso não existe na ficção? Não existe, até, nas recensões críticas? Mais: não existe nas nossas conversas quotidianas?

Por agora direi que só nos poemas chove, e que quanto menos imagens, hipérboles e metáforas tiver mais choverá. Isto é assim, porque um poema é um prodígio.

Então vou contar-vos algo da minha história, no que aos poemas se refere, e que começa ainda eu não tinha três anos de idade. A cena passa-se em Vila Nova de Ourém, onde na altura morávamos. Final da manhã de um dia de verão, já quente. Estava num terreno em frente à casa, onde recordo haver oliveiras e pardais voando. O céu muito azul. Entre a casa e o sítio onde estava havia uma estrada de terra batida. Em casa, a mãe sacudia lençóis, que deixava estendidos à janela. No rádio ouvia-se uma canção muito popular na época: “Não venhas tarde” de Carlos Ramos. Estava, como disse, sozinho naquele local. Então e subitamente o mundo desceu em mim. Um sentimento (e ao mesmo um pensamento difuso) de elevar-me e fazer parte de toda

a paisagem, incluindo a canção, os pardais e o azul do céu. Não sei o que durou, pois o que senti foi não haver tempo nem espaço. Foi como que uma suspensão da realidade.

Passados alguns anos, já em Leiria, teria talvez 9 anos e a experiência repetiu-se. Ao longo dos anos esta experiência aconteceu tantas vezes que deixei de poder fazer uma contagem. Perguntam: o que tem isso a ver com poetas e poemas? Tem tanto, que hoje chamo a essas circunstâncias “a fábrica de fazer longes”. É que estas experiências, o sentimento e o pensamento difuso que as acompanharam, é o que passou, depois, a presidir à realização dos poemas: aos 11 anos, pela primeira vez, vieram também palavras. O tal pensamento difuso foi substituído por poemas. Eis por que insisto que os poemas são experiências espirituais. Eis um motivo por que insisto que os meus poemas não são literatura, nem têm metáforas. Ao fazer estas afirmações não pretendo dizer que, “tecnicamente” falando, as chamadas “figuras de estilo” não estão presentes. O que pretendo sublinhar é que estas estão ligadas a uma tradição da poesia como fingimento ou representação do mundo, ou como sendo o que deve apreciar-se num poema. E acontece que antes de eu ter a mínima ideia sobre o que é uma metáfora, já escrevia poemas e nunca com a intenção de mostrar a alguém e ainda menos de contribuir para a chamada literatura. Digamos, pois, que as metáforas são o lado de fora do poema. A sua representação no mundo das aparências. E o que é isso de representação no mundo das aparências?

A ideia comum é existir uma realidade, esta do nosso mundo, dos nossos sentidos, e que eventualmente vai sendo desvendada à medida que as ciências progridem. Prefiro pensar neste assunto de outra maneira. Permitam que explique.

Ao contrário do que se deduz do senso comum e do discurso científico e literário, nós vivemos numa realidade, mas esta é humana, cultural, civilizacional, etc. A realidade, ela mesma, não é esta. Esta é

a das aparências, das ilusões, das distorções. Ela tem funcionado na nossa sobrevivência, mas não é a realidade, essa que não alcançamos, em parte, por estarmos cheios da realidade humana. Estamos cegos. É por isso que há alguns anos falo em “o ponto cego da existência”. É como nos chamados “pontos mortos” na condução automóvel, ou até como quando estamos de costas e sentimos que há algo atrás, mas não vemos o que é, e por isso não sabemos. Esse fundo, para que estamos cegos, é o que nos dá a experiência de espiritualidade e é daí que vêm os poemas.

À medida que a realidade das aparências foi crescendo, assim a chamada literatura e a poesia, em particular, se foi deslocando, cada vez mais, para as franjas mais superficiais e frívolas desta realidade. Os poetas tornaram-se arautos da banalidade e da repetividade, nome com que designo um determinado contexto em que se escreve segundo um molde idêntico. A publicidade, os espectáculos, os clichés, a sua promoção, como a qualquer outro produto de consumo, tomaram conta dos poetas. Um exemplo disso são os imensos festivais de poesia, competindo com os festivais gastronómicos, do chocolate ou das coisas medievais. Os académicos, aqueles que nas universidades elegem os poetas a ter em conta para a posteridade, os críticos, funcionando em redor dos interesses obscuros de algumas editoras (sendo que alguns desses críticos são também poetas aí publicados), todos têm contribuído para a banalização da poesia, reduzindo-a a uma excrescência do sistema representativo desta realidade sem sabor. A falta de talento, para simplificar, de uns e outros, conduziu ao actual panorama poético. As homenagens constantes, os prémios para isto e para aquilo, não conseguem esconder, aos mais perspicazes, que se trata apenas do triunfo da banalidade. Há quase dois meses, noutra local, perguntei se pessoas banais podem fazer coisas que não sejam igualmente banais. E a resposta que eu próprio dei foi a seguinte: só se for por engano, visto que as pessoas banais nunca se enganam.

Acontece que a maioria das pessoas do meio literário são como as do resto da população: banais. Não vale a pena estarmos com aqueles paninhos quentes, quase a roçar a caridade, de que quase tudo merece a etiqueta de bom, excelente ou até excepcional. A história mostra-nos que o excepcional é raro e que só o banal é frequente. Avanço.

A complexidade, que a utilização das palavras, e as palavras mesmas, atingiram no ser humano, a maneira como estas estão intrinsecamente ligadas à construção da *realidade*, do *mundo*, da *vida*, e dos próprios *sentimentos*, permitem que uma pessoa possa viver um mundo, uma realidade e uma vida por si criados. É também aqui que vejo a poesia e o poeta. E é também por isso que um poeta, digno deste nome, será sempre um estrangeiro. É certo que todos somos estrangeiros na existência, mas são poucos os que se dão conta. Contudo, um poeta tem a suprema responsabilidade de dar-se conta, e também de compreender que o fingimento é uma farsa e um jogo. Fora das aparências é onde um poeta deve estar, e por isso é duplamente estrangeiro. Estrangeiro na vida, estrangeiro para os outros. Não ébrio, excêntrico, boémio, melancólico. Mas certo no seu caminho.

E então digo que um poeta é três instâncias: a Obra, o poeta, e aquele que transporta a ambos: a pessoa. E digo que, à medida que os poemas se multiplicam, que o tempo passa, estas três instâncias tendem a caminhar para a unidade, que é a Obra. Sim, daí que vos diga que poema é aquele que tem um homem dentro, e uma voz que não é senão o encontro destes três, que caminham abraçados nas ruas deste mundo.

E isto leva-me a uma questão não abordada pelos “especialistas” (vá-se lá saber porquê): um poeta digno deste nome é aquele que cria um mundo, em que uma linguagem, um pensamento, uma posição na história humana e o seu próprio caso estão presentes. E é este mundo alternativo, digamos, que define, igualmente a sua originalidade

e o seu caminho existencial. Este eu digo que é um poeta autêntico.

O que resta, então, a um poeta que se reclama autêntico? Creio que será um recolhido afastamento. A recusa do deplorável espetáculo das soberbas.

E vivemos num mundo em que, ao que parece, toda a gente quer ser escritora e poeta. E venho eu e digo que é quase tudo falso e frívolo. E digo que um poeta é alguém sem lugar, e que os poemas são acontecimentos raros no universo. Claro, muitos são os que acreditam serem os poemas fruto de trabalho árduo, fruto de horas a trabalhar, como trabalha um escultor. Outros acreditam que o seu valor poético advém do número de vezes que são repetidos e citados em revistas, jornais e festivais de almas desertas. Pois eu creio que um poema é uma experiência espiritual, e que o pensamento, a consciência, a linguagem, as palavras, são manifestações, em nós, do próprio cosmos, essa tal realidade que nos escapa.

A piorar as coisas, ainda digo que um poema não é as palavras que lá estão, mas as palavras que lá faltam. E que isso é o que verdadeiramente importa num poema. É o que está dentro do poema. As metáforas pertencem à parte de fora. Daí que um poema não seja, propriamente, para ser compreendido. Também não é, propriamente, para ser sentido. Um poema transforma através do que é dito sem sabermos o que é dito: são as tais palavras que faltam, e que nos falam. Falam-nos da nossa existência para nós e para o Outro. Falam-nos de uma existência que não compreendemos. E falam-nos através das árvores e da fábrica dos longes. E daqui decorre que um poema não é algo escrito de qualquer maneira, e em que tudo é permitido, por ser do domínio do subjectivo. Isso é uma falácia. Mais que algum outro, poeta é aquele domina o seu idioma. E dominar uma língua não é utilizar as ferramentas da aparência, mas o que a língua veio tentar preencher no vazio do mundo, e nesta tentativa escondeu. Se um poema revela, é o que não estava aberto nas palavras. É o que

estava escondido.

O que é um poema? Um poema é um prodígio. E o que é um poeta? Ora, poeta é um animal improvável.

Termino com um não-poema do meu mais recente livro (“as rosas impossíveis”) que, de certo modo, define e resume a natureza de um poeta, tal como eu a entendo:

o poeta não busca posteridade. ele aprendeu que essa é uma palavra sem fundo

o poeta não busca prestígio. ele sabe que tal palavra pesa muito e cega

o poeta não escreve para que um leitor o leia. poucos serão os que, realmente, hão de lê-lo

o poeta não tem motivos úteis para escrever. ele desconhece por que escreve

o poeta não escreve para que outros se sintam alegres ou tristes. ele revela

o poeta não apregoa verdades. ele torna-se a sua verdade

o poeta sabe que nenhum poema é escrito com palavras

o poeta nunca há de estar onde o procuram

o poeta não morre uma vez. morre as vezes necessárias

o poeta escreve contigo. embora ainda não saibas, tu és Deus

Apresentação de mim mesmo

A quem não me conhece, bastará que saiba que sou um poeta de província. Um poeta clandestino em relação à literatura e à poesia contemporâneas. Com efeito, os da literatura não apreciam os meus poemas, que são poemas meteorológicos e com muita agricultura. E eu dou-lhes razão: desde há muito que a minha vida se divide entre uma casa de haver pássaros, um quintal com formigas, pássaros, dois gatos e algumas árvores. Tenho até um livro que é dedicado a um gato, que faleceu, que se chamava “patitas”, mas que agora se chama “desgosto”.

Ao contrário de mim, os poetas da literatura escrevem sobre coisas mesmo muito importantes e complexas. Eu apenas escrevo sobre desimportâncias e simplicidades. No entanto, deste afastamento eu não sou intencional. Realmente não sei o que se passou comigo para estar tão desenquadrado, tão inadaptado. Tenho mesmo um verbo para a minha desadequação, que é o verbo infinitar. Os poemas infinitam-me.

Ah! Outras vezes vivo junto a um lago e ultimamente, é verdade, tenho um barco de papel para viajar num charco. E em todos os lugares do charco tenho amigos: alguns estão aqui e podem certificar-vos que no charco só há poemas e viagens de barco.

Carlos Lopes Pires

Poeta

Maria Fradinho, 2023

My other hand - COMPANION -





NOVEMBRO 2023